

O OLHAR DO POETA MODERNO – DIÁLOGO ENTRE AS OBRAS DE MANUEL BANDEIRA E DE CHARLES BAUDELAIRE

Natasha Juliana Mascarenhas Pereira Lago (Mestranda, UERJ)

natashajmp@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a obra poética de Manuel Bandeira dentro do contexto da modernidade, como proposta por Charles Baudelaire. Na passagem do século XIX para o XX, a sociedade se reconfigurava em virtude da intensificação do processo industrial e das inovações tecnológicas; dessa forma, o olhar do poeta igualmente se modificava. Este estudo pretende, portanto, apresentar pontos de encontro entre esses autores, sobretudo no que se refere ao papel do poeta moderno e à concepção da modernidade e de seus reflexos na produção artística, mais especificamente na poesia.

Palavras-chave: Manuel Bandeira, Charles Baudelaire, modernidade, poesia.

Até meados do século XIX, predominava na literatura um olhar romântico sobre o mundo. Todavia, na passagem para o século XX, a sociedade passou por um processo rápido de reconfiguração em virtude de muitos fatores, tais como a intensificação do processo industrial, que aumenta a massa de indivíduos submetidos à máquina, e à velocidade com que a tecnologia, de modo geral, avança, resultando numa mudança na percepção do mundo e, até mesmo, da arte, uma vez que o tempo de fruição também se altera.

Escritores como Baudelaire, Verlaine e Poe tornaram-se ícones literários dessa ruptura, fazendo com que seus escritos refletissem esse novo mundo de mudanças. Baudelaire o fizera não só literariamente, como nos poemas de *As Flores do Mal*, mas também teoricamente, como no livro *Sobre a modernidade*, em que questiona valores artísticos cristalizados e reflete, entre outras questões, sobre o papel do artista e as concepções de arte e belo nessa nova conjuntura.

Se a velocidade passa a ser um fator preponderante nessa sociedade, a realidade mostra-se mutável, já que, alterando-se o tempo ou o foco, apresenta-se de outra forma. Sendo a realidade fugidia, a representação do momento na iminência de escapar, da efemeridade na arte, passará a ter maior relevância. Um dos pontos fundamentais da modernidade, portanto, seria extrair o eterno do transitório, pois “o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, 1996, p. 24).

Por esse motivo, Baudelaire afirma que, mais do que simplesmente buscar a beleza crendo, assim, tornar a obra mais preciosa quanto mais beleza o artista lhe conferir, é necessário verificar que há ainda outros aspectos na vida ordinária, na metamorfose incessante do espaço exterior, que demandam ser captados. Desse modo, o mundo moderno exige uma arte que busque encontrar a beleza que reside na miséria, na lama, no feio. Não é sem propósito que se encontram, entre as páginas de *As Flores do Mal*, poemas cujos títulos já remetem a essas imagens – “Uma carniça”, “A mendiga ruiva”, “Os mochos”.

Walter Benjamin reforça essa ideia em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, falando sobre a repugnância presente no tumulto das ruas. Citando um fragmento do texto *A situação da classe operária na Inglaterra*, de Engels, Benjamin afirma que,

pelas ruas de Londres, há uma massa amorfa com os mesmos interesses e qualidades de seres humanos que passa acotovelando-se e isolando-se em sua individualidade numa indiferença brutal (ENGELS, 1848 apud BENJAMIN, 1994, p. 114-115). O comportamento dessa multidão é tão espantoso que provoca um choque, uma reação moral. É por esse motivo que Benjamin diz, em “A Modernidade”, que “os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico.” (BENJAMIN, 1994, p.78). Cabe, portanto, ao artista retirar da lama e da escória seu objeto de arte, diante do choque provocado pelo abjeto.

Baudelaire aponta, ainda, o homem dominado pelo gênio da infância. A criança está sempre inebriada, uma vez que há novidade em tudo o que vê. O gênio, assim, seria a infância redescoberta sem limites, fazendo com que nenhum aspecto da vida seja indiferente. Dessa forma, percebe-se que, gradualmente, aspectos mais triviais do cotidiano passam a ser valorizados na expressão artística.

As mesmas questões da modernidade abordadas por esse autor podem ser também encontradas na obra de um poeta brasileiro cujos escritos se difundiram um pouco depois. Manuel Bandeira, nascido em 1886 – quase sete décadas depois de Baudelaire –, foi um dos expoentes da chamada poesia modernista brasileira, tendo iniciado formalmente sua carreira como escritor em 1917, quando publicou seu primeiro livro de poemas, *A cinza das horas*. Entre suas inúmeras influências literárias (Musset, Prudhomme, Edgar Allan Poe, Mallarmé, Paul Éluard...), não se pode negar a leitura, também, de Charles Baudelaire, de quem, inclusive, traduziu um poema, constante do livro *Poemas traduzidos*.

Por meio da análise de poemas de diversos momentos da obra de Manuel Bandeira, podemos perceber características da arte moderna, conforme apresentadas por

Baudelaire, o que demonstra uma afinidade entre os preceitos desses escritores, que guiaram o processo artístico de suas gerações, delineando os rumos da modernidade.

Se Baudelaire questionava o conceito clássico de belo e falava da busca do objeto artístico na lama, na miséria, Bandeira tece o que chama de “Nova poética”, definindo o conceito moderno de poesia e de poeta.

Nova poética

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e

[na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe

[o paletó ou a calça de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as meninhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as

[amadas que envelheceram sem maldade.

Nesse poema do livro *Belo Belo*, de 1948, o autor afirma que o poeta deve ser sórdido, ou seja, deve estar sujo. Todavia, essa sujeira tanto pode ser uma nódoa de lama lançada por um caminhão como uma representação da sujeira da vida, de tudo que esta possui de socialmente condenável ou descartável, como lixo. Apresentando a história do sujeito que sai de casa com sua roupa intacta e se suja na rua, Bandeira esclarece: “salpica-lhe o paletó ou a calça com uma nódoa de lama: é a vida”.

Pode-se perceber, portanto, que, para o autor, o poeta é aquele que não se mantém intacto diante da sujeira do mundo. O poeta da modernidade não se mantém em casa, alheio ao mundo externo, orgulhoso de seu aspecto cândido, como o poeta de Bilac que “no aconchego do claustro, na paciência e no sossego, trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua”. Deve, sim, ir à rua, infiltrar-se na multidão, como o *flâneur*, apresentado por Baudelaire. O *flâneur* é um personagem cujo alimento é encontrado na multidão, uma vez que se trata de “um eu insaciável do não-eu” (BAUDELAIRE, 1996, p. 21), o qual se encontra nos outros que o cercam. Tanto para o São João Batista do Modernismo quanto para o autor dos *Pequenos poemas em prosa*, o poeta moderno tem de se livrar da aura e sujar-se na lama da vida, pois somente assim é possível fazer da literatura algo de valor atemporal e, ao mesmo tempo, histórico.

Ainda em “Nova poética”, define-se que o poema, como a nódoa, deve fazer “o leitor satisfeito de si dar o desespero”. O poema deve, portanto, criar um desconforto proveitoso, jogando areia nos olhos descansados de certos leitores muito presos à sua zona de repouso. Haveria, contudo, poesia também no orvalho – e percebe-se, nesse momento, uma clara crítica de Bandeira às meninas, estrelas e virgens do Romantismo –, mas o objetivo da nova arte é provocar no leitor uma reflexão sobre aquilo que o incomoda. Desse modo, torna-se possível resgatar do circunstancial aquilo que este sugere de eterno.

O mesmo é percebido em “Poema do beco”, de 1933, constante do livro *Estrela da Manhã*:

Poema do beco

Que me importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?

— O que eu vejo é o beco.

Sobre esse texto, o poeta afirmou, em sua autobiografia, que da janela do seu quarto, na época em que morava na Rua Morais e Vale, na Lapa, o que retinha sua atenção e o fazia refletir não eram as belas paisagens cariocas, mas sim o beco sujo em que viviam tantas pessoas pobres (BANDEIRA, 1984, p. 101).

É da observação do povo e da vida miserável que o poeta extrairá seu objeto poético, já que a rua é capaz de provocar uma reação moral, como no poema “O bicho”, também do livro *Belo Belo*.

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Quando Walter Benjamin fala das tumultuadas ruas de Londres, reforça a ideia de que os seres humanos, muitas vezes, presos à sua individualidade, ignoram-se uns aos outros como se não possuíssem semelhanças. Em “O bicho”, Bandeira retrata a perda da

humanidade do indivíduo, que de tão marginalizado e por tanto tempo ignorado, age como um animal, procurando comida entre os detritos.

A reação inicial de asco é provocada pela rejeição ao abjeto: o pátio imundo, a comida entre os restos. Entretanto, essa animalidade reside no homem, aguardando por um momento em que será despertada. O ser humano rejeita o abjeto porque esse é seu lado estranho, que deseja negar. Se no dia a dia, pelas ruas, a indiferença impera, diante da animalidade, esse distanciamento, então, se intensifica. Mas o olhar do poeta deve ser diferenciado: embora esteja inserido na multidão, age como um observador guiado pela curiosidade, na tentativa de compreender os costumes dessa massa. Ele se deixa chocar, tendo em vista que esse quadro é contrário ao que se deveria destinar à natureza humana. Contudo, apesar de qualquer atitude desse indivíduo que o afaste do que se crê como humanidade, ainda é um homem e é preciso chamar a atenção para sua situação degradante.

Tanto Baudelaire quanto Bandeira abordarão, ainda, em suas obras, um ambiente permeado pela libertinagem, pela lascívia. O primeiro fala, por exemplo, do lesbianismo, por meio das imagens de Delfina e Hipólita, bem como das meretrizes, tema frequente também em Bandeira, tal qual observamos em “Vulgívaga” (“Não posso crer que se conceba do amor senão o gozo físico!”). O tema da degradação explorado pela imagem da miséria é também trabalhado por meio dos desvios de conduta, da vida desregrada. O primeiro poema, entre os apresentados a seguir, é de autoria de Bandeira, do livro *Estrela da Tarde*; o segundo é de Charles Baudelaire, em tradução feita pelo autor de *Cinza das Horas* e publicada nos seus *Poemas traduzidos*. É possível enxergar, em ambos, muitas semelhanças quanto à temática enfocada.

Primeira canção do beco

Teu corpo dúbio, irresoluto
De intersexual disputadíssima,
Teu corpo, magro não, enxuto,
Lavado, esfregado, batido,
Destilado, asséptico, insípido
E perfeitamente inodoro
É o flagelo de minha vida,
Ó esquizoide! ó leptossômica!

Por ele sofro há bem dez anos
(Anos que mais parecem séculos)
Tamanhas atribulações,
Que às vezes viro lobisomem.
E estraçalhado de desejos
Divago como os cães danados
A horas mortas, por becos sórdidos!

Põe paradeiro a este tormento!
Liberta-me do atroz recalque!
Vem ao meu quarto desolado
Por estas sombras de convento,
E propicia aos meus sentidos
Atônitos, horrorizados
A folha-morta, o parafuso,
O trauma, o estupor, o decúbito!

Epílogo

(Baudelaire)

De coração contente escalei a montanha,
De onde se vê — prisão, hospital, lupanar,
Inferno, purgatório — a cidade tamanha,

Em que o vício, como uma flor, floresce no ar.
Bem sabes, ó Satã, senhor de minha sina,
Que não vim ter aqui para lagrimejar.

Como o amásio senil de velha concubina,
Vim para me embriagar da meretriz enorme,
Cujo encanto infernal me remoça e fascina.

Quer quando em seus lençóis matinais ela dorme,
Rouca, obscura, pesada, ou quando em rosicleres
E áureos brilhos venais pompeia multiforme,

— Amo-a, a infame capital — Às vezes dais,
Ó prostitutas e facínoras, prazeres
Que nunca há de entender o comum dos mortais.

A “Primeira canção do beco”, do livro *Estrela da Tarde*, de Manuel Bandeira, fala sobre o furor causado pelo intersexual no eu lírico, que vagueia pelos becos sórdidos, sofrendo, em virtude do recalque. Deixando a repressão de lado, ele pede que o intersexual satisfaça seus desejos, pondo fim a um sofrimento que perdura há muitos anos. O poeta ainda contrapõe o ambiente indigno do beco, frequentado por aqueles que se perdem em desejos libertinos, ao convento, tão próximo desse espaço de imoralidade.

Na tradução do poema de Baudelaire, por sua vez, há a exaltação da cidade em que os vícios prevalecem. O desfecho reforça a ideia de que alguns prazeres somente poderão ser obtidos nesses lugares e, por isso, nunca poderão ser compreendidos por indivíduos comuns. Essa foi, certamente, a percepção do eu lírico de “Primeira canção do beco”, que, conscientizando-se disso, cede ao desejo por tanto tempo contido.

Sobre as imagens das cortesãs, Baudelaire afirma que seu valor reside no fato de despertarem pensamentos severos e sombrios. Por fim, declara que, nas obras em que aparecem, encontra-se apenas o vício inevitável e “a arte pura, isto é, a beleza particular

do mal, o belo no horrível” (BAUDELAIRE, 1996, p. 66). Dessa forma, percebe-se que, para esses autores, a modernidade abre espaço para o resgate da nobreza na lama, nos ambientes mais baixos e nos comportamentos mais censurados.

Outro aspecto relevante dessa modernidade é a capacidade do artista de apreender, diante da velocidade do mundo moderno, o momento fugaz, tentando perenizar o efêmero. Tira-se, gradualmente, o enfoque dos grandes temas e torna-se cada vez mais importante buscar nos fatos aparentemente banais do cotidiano – justamente os que parecem escapar mais facilmente – o motivo poético.

No poema “Momento num café”, do livro *Estrela da Manhã*, partindo de um fato trivial e passageiro – como Baudelaire o fez em “A uma passante” –, a que muitos não dariam atenção, Manuel Bandeira tece uma profunda reflexão existencial, dando àquele um *status* mais elevado.

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

Quando o funeral passou pela rua, os presentes maquinalmente saudaram o falecido. É interessante perceber que, na agitação de suas vidas, não há espaço para uma preocupação com quem parte – a educação, as regras de conduta social, no entanto, fazem com que se promova um ato simbólico. Mais uma vez, no espaço da rua, a indiferença reina entre os indivíduos, absortos em suas próprias existências.

Todavia, entre eles, há um que se detém – o poeta, porventura? – por perceber que, na realidade, a morte talvez circunde todos aqueles que se deixam levar pela “agitação feroz” da vida. O tempo feroz, a rotina, tudo isso é capaz de roubar a vida daqueles que não se detêm perante certos acontecimentos. Assim, se a vida é traição e sem propósito, deve-se saudar a dissociação de alma e corpo, e o poeta eterniza, desse modo, o momento corriqueiro no café.

Em “Boi morto”, de *Opus 10* (1952), Bandeira, mais uma vez, parte de um fato aparentemente banal – o boi morto que viu passar em uma cheia do rio Capibaribe – para registrar o instante no tempo.

Boi morto

Como em turvas águas de enchente,
Me sinto a meio submergido
Entre destroços do presente
Dividido, subdividido,
Onde rola, enorme, o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores da paisagem calma,

Convosco – altas, tão marginais! –
Fica a alma, a atônita alma,
Atônita para jamais.
Que o corpo, esse vai com o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi descomedido,
Boi espantosamente, boi
Morto, sem forma ou sentido
Ou significado. O que foi
Ninguém sabe. Agora é boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto!

A imagem do boi sendo levado pelas águas do rio furta o poeta de sua rotina. Outra vez, a imagem da morte é motivo de reflexão – talvez pelo fato de Manuel Bandeira ter vivido boa parte de sua vida na iminência da morte, em virtude da tuberculose. Trata-se de um instante único e, em sua aparência, nada agradável aos olhos dos passantes. Mas o poeta valoriza na cena uma beleza diferente: a fúria da enchente carrega o boi e desfaz tudo o que era vida. O mal estar pode provocar o choque e somente como consequência deste é que se pode despertar uma existência verdadeira.

Quando afirma “Morto, sem forma ou sentido / Ou significado. O que foi / Ninguém sabe. Agora é boi morto”, o poeta constata a nulidade da vida. Repentinamente, o que era vida passa a não ter mais sua permanência – e o que antes parecia duradouro, mostra-se, contudo, transitório. A partir deste momento, não há mais nem a lembrança do passado – o que fica é a matéria, igualmente breve.

Nenhum aspecto da vida deve ser indiferente para o poeta. A folha morta carregada pelo vento, em um dia de outono, descrita por Verlaine na “*Chanson d'automne*”, possui poesia suficiente para deter a correria do dia a dia. Desse mesmo modo, Bandeira tentará, em outros poemas, cristalizar momentos fugidios. A visão erótica do corpo da mulher, por exemplo, será motivo de alumbramento, o que fará com que o poeta tente ao máximo fazer com que a sensação nele despertada permaneça.

Alumbramento

Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura
Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura
Vem a alma desassossegar.
E sinto-a bela... e sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!
Oh, cristalizações da bruma
A amortalhar, a cintilar!

Eu vi o mar! Lírios de espuma
Vinhão desabrochar à flor
Da água que o vento desapruma...

Eu vi a estrela do pastor...
Vi a licorne alvinitente!...
Vi... vi o rastro do Senhor!...

E vi a Via Láctea ardente...
Vi comunhões... capelas... véus...

Súbito... alucinadamente...

Vi carros triunfais... troféus...

Pérolas grandes como a lua...

Eu vi os céus! Eu vi os céus!

— Eu vi-a nua... toda nua!

A visão do corpo da mulher trata-se de uma verdadeira epifania, momento de grandes revelações que despertam, no eu lírico, a expectativa da conjunção amorosa. Nesse momento de êxtase, percebe-se que inúmeras imagens vêm à mente do amante; todas elas, no entanto, sobrepõem-se umas às outras num cenário plenamente branco e, por vezes, pouco nítido.

Esse poema pertence ao livro *Carnaval*, de 1919, embora tenha sido escrito no sanatório em Clavadel, na Suíça, no qual Bandeira esteve para se tratar da tuberculose, em 1913. É digno de atenção reparar um traço de modernidade – no sentido até então trabalhado – no segundo livro desse autor, uma vez que ele mesmo considera ter iniciado sua fase, de fato, moderna, apenas a partir do quarto livro, *Libertinagem*, em que teria abusado da liberdade formal e de expressão de ideias e sentimentos. Nesse poema, a tentativa de tornar eterno, por meio da escrita, o instante de êxtase diante da visão erótica configura-se, no entanto, como um comportamento digno do poeta da modernidade, tal qual descrito por Baudelaire: busca o permanente no transitório. Finalmente, do mesmo modo como o pintor, por meio da memória, perpetua suas impressões de um determinado momento, o poeta, por meio da escrita, cristaliza um instante, utilizando a literatura como um instrumento de permanência da memória, da experiência.

Em um mundo no qual as mudanças ocorrem rapidamente, a tendência é cada vez mais valorizar-se o superficial – não se detendo, assim, em aspectos mais precisos – tornando tudo cada vez mais descartável. Não é difícil que compreendamos esses aspectos, uma vez que esse processo, que se intensificou na passagem do século XIX para o XX, encontra-se extremamente avançado na sociedade em que vivemos hoje.

Se a originalidade surge da inscrição que o tempo imprime às nossas sensações, o artista moderno não poderia ser indiferente a esse mundo que o cerca. Por esse motivo, Baudelaire afirma que o poeta da modernidade deve retirar da lama seu objeto poético, atribuindo novos valores à miséria, aos indivíduos marginalizados, ao que se condena, de acordo com os valores morais da sociedade. Mais do que isso, deve resgatar, na correria do cotidiano, os instantes únicos que, brevemente, serão perdidos.

Dessa forma, Manuel Bandeira tece seus textos recolhendo, na vida diária, a matéria poética. Por isso, Gilda e Antonio Candido comentam, na introdução de *Estrela da vida inteira*, que:

(...) amadurece nele o que se poderia chamar de senso do momento poético – o tato infalível para discernir o que há de poesia virtual na cena e no instante, bem como o poder de comunicar esta iluminação.

Na história de sua obra, nota-se a princípio um sentido algo convencional da cena expressiva ou da hora que foge, e que o poeta tenta prolongar, esfumando-a numa certa elegância impressionista. Mais tarde, aprendeu a superar essa atmosfera de cromo e confiança e a dissecar o elemento decisivo, para fazer (usemos uma expressão dele) poesia “desentranhada”, no sentido em que o minerador lava o minério para isolar o metal fino. (CANDIDO, s.d., p. 5)

Quando escreve sobre o boi morto, sobre o funeral que passa pela rua, sobre o homem remexendo uma lata de lixo, o poeta resgata o valioso objeto poético a que não

se costuma dar atenção habitualmente. A grande importância disso reside no fato de que, no momento em que a arte retrata momentos cotidianos, triviais, de modo contraditório, os salva da banalidade.

Do mesmo modo, se Bandeira retrata, em sua poesia, a sordidez do beco, das ruas, das zonas de meretrício, pretende despertar nos leitores novos pensamentos e sensações, diante do que é sempre segregado. Não é fechando os olhos e isolando-nos que o mundo que nos cerca deixará de fazer parte da nossa existência. O olhar do poeta moderno deve estar atento a tudo, para extrair a beleza mesmo da lama, assim como Baudelaire desentranhou suas flores do mal.

Em *Estrela da Manhã*, Manuel Bandeira indica seu estilo de vida: “Os cavalinhos correndo e nós, cavalões, comendo”. Diante da agitação e da pressa do mundo moderno, o poeta deve resistir e não se deixar levar. Não é sem razão que é considerado um dos precursores da literatura modernista no Brasil. De acordo com os ensinamentos de Baudelaire, por seu olhar apurado quanto às pequenas ocorrências da vida, por buscar a matéria poética pelas ruas da cidade, em todos os espaços, Manuel Bandeira configura-se como o perfeito poeta moderno.

ABSTRACT: This paper aims to analyze Manuel Bandeira's poetry in the context of modernity – based on the notion proposed by Charles Baudelaire. In the late nineteenth to the twentieth century, the society was reconfigured due to the intensification of the industrial process and to the technological innovations; thus, the way an artist interprets the world around him was changing as well. This study intends, therefore, to show common points between the present authors, mainly concerning the modern poet's role,

as well as the conception of modernity and its repercussion on the artistic production, particularly poetic.

Keywords: Manuel Bandeira, Charles Baudelaire, modernity, poetry.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, s.d.

_____. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio; SOUZA, Gilda de Mello. Introdução. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, s.d.